



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

O IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NAS CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS DOS DOCENTES

Maria Vanisia J. da Silva dos Santos¹
Andrea Marques Vanderlei Fregadoli²
Joselito Araújo Silva³
José Fernandes dos Santos Filho⁴
Fernando Antônio Alves dos Santos⁵
Maria Vilma da Silva⁶
Antônio Marques da Silva⁷

RESUMO

O artigo analisa os impactos das novas tecnologias no mundo interior e exterior do docente e do discente em relação a sala de aula. Tem por objetivo mostrar a importância da tecnologia no processo ensino-aprendizagem e refletir sobre a nova escrita digital levando em consideração a subjetividade do docente. É uma pesquisa bibliográfica baseada em artigos científicos, levando em consideração o dia a dia do professor e aluno frente às inovações tecnológicas. Essa pesquisa mostrou que alguns docentes ainda continuam despreparados para atuar na sala de aula com as novas tecnologias. A partir desse estudo, percebe-se que as novas tecnologias precisam ser motivo de estudo em formações continuadas para que as mesmas possam ser aceitas e usadas nos ambientes escolares.

Palavras-chave: docente; subjetividade; ensino; TCI,s.

¹ E-mail: vanisia.silva@outlook.com

² E-mail: deadoutorado@hotmail.com

³ E-mail: Joselitoaraujo947@gmail.com

⁴ E-mail: fernandesjsf@gmail.com

⁵ E-mail: fernandinhopilar@hotmail.com

⁶ E-mail: vilma.educacao@gmail.com

⁷ E-mail: amsarquiteto@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A revolução tecnológica tem feito mudanças no mundo interno do ser humano e dentre esse ser, cito o docente, que tão notadamente tem se esforçado para se relacionar com o mundo social e assim, construir um espaço de intimidade que irá constituir a sua experiência coletiva e histórica dentre os grupos sociais vigentes.

Fazer parte de uma sociedade que está vivenciando o fenômeno da globalização, pressupõe uma mudança e estruturação social e essa só acontecerá se o docente estiver aberto para o novo.

O capitalismo contemporâneo juntamente com a tecnologia tem contribuído de forma decisiva para o surgimento do fenômeno da globalização e essa junção tem estimulado uma aceleração na sociedade que personifica o ideal de universalização, criando um mundo totalmente sem fronteiras e desligado da maneira de escrever do passado. A grafia usada hoje deixa “muitos docentes” desapontados, pois, esse “mundo conquistado, desarraigado e transformado pelo processo tecnocientífico do desenvolvimento capitalista” tem mudado a maneira de agir das pessoas.

[...] a associação do capitalismo contemporâneo com a tecnologia contribuiu decisivamente para o próprio surgimento do fenômeno

da globalização, impulsionando uma aceleração nos processos de mudança e estruturação social que encarnavam o ideal de universalização, gerando um mundo sem fronteiras e desvinculado da grafia enunciativa do passado, “um mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo”, conforme contextualiza Hobsbawm (1996, p. 562).

É notável que as revoluções tecnológicas antes desconhecida tem introduzido inúmeras transformações na vida do ser humano em função do desenvolvimento. As transformações são tão fortes, que chega a alterar os hábitos, a forma de agir e de certa forma o mundo interior e exterior. O professor por exemplo, que antes passava horas e horas escrevendo com giz a tarefa no quadro para seus alunos, hoje com a ajuda de uma máquina, o data show, pode levar todo conteúdo sem precisar se esforçar tanto. Para tanto, basta se adequar ao que a tecnologia oferece e emigrar para o mundo tecnológico.

Diante dessas colocações, o termo tecnologia muitas vezes remete a escola e professores alguns sentimentos negativos, tais como: a tecnologia é uma experiência nova, não estou preparado, não estou capacitado para usá-la na sala de aula, não vou saber ensinar usando as tecnologias,

dentre outros, tornando a tecnologia uma doença sem remédio. Logo, a tecnologia já está enraizada na vida dos alunos e dentro da escola, a mesma deve fluir como um olhar para a mudança, para a adaptação de velhos hábitos, para a quebra de paradigmas e para a transformação da realidade escolar em vista aos alunos que usam a tecnologia na maioria de seus afazeres. Assim, o profissional da educação tem um importante papel na escola para atuar na prática pedagógica e transformar a realidade escolar: educar para a cidadania.

Assim, o presente artigo tem o objetivo de mostrar a importância da tecnologia no processo ensino-aprendizagem e refletir sobre a nova escrita digital levando em consideração a subjetividade do docente.

Para entender melhor a temática abordada, o artigo será dividido em dois tópicos: o primeiro observará a tecnologia e o processo ensino-aprendizagem, o segundo falará sobre a escrita digital que adentram os textos escolares na sala de aula. Em seguida, as considerações finais.

1. A TECNOLOGIA E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Vive-se um presente de transformações e quando se pensa em futuro, logo vem à tecnologia se apresentando no cenário, principalmente no meio educacional. Logo se percebe a importância

de se refletir sobre a melhor maneira de utilizar essa (tecnologia) que está presente na vida real e incorporá-la no processo de ensino e aprendizagem de forma a relacioná-la ao desempenho de melhor concepção na realização de tarefas.

Assim, para que o processo de ensino e aprendizagem seja coerente com a prática docente, esse (processo ensino-aprendizagem) deve buscar por parte do professor inserir os conteúdos que estejam dentro da realidade existente, para que o aluno não se sinta tão longe do aprender, pois a relação é estreita entre o que se aprende e o que se ensina.

Quando se ensina, deve-se ter por objetivo a ação de instigar, orientar, criar condições, direcionar, preparar, organizar e operacionalizar as várias situações de aprendizagem para que o aluno tenha condições de se apropriar do conhecimento e assimilar o saber.

Dessa maneira é indispensável se pensar em educação sem instrução, se pensar em instrução sem ensino e se pensar em ensino sem o aprender. À medida que o aluno tem um saber real, de imediato ele exterioriza esse saber dentro da sociedade de acordo com o seu tempo, pois educação não se sustenta sem instrução. Quando se instrui dá-se a permissividade ao aluno de refletir sobre uma ação colaborativa, participativa e conjunta, de forma que se chegue ao aprender. Nesse aprender está à dúvida, o

erro, a possibilidade de revisão e alteração que levam o aprendiz as situações de aprendizagem.

Logo, refletir sobre a elaboração e planejamento de um currículo que forme o discente para a sociedade e seu tempo, se torna primordial, pois é a partir daí que o mesmo pode elaborar seus próprios questionamentos e até mesmo formar novos paradigmas para seguir.

Assim, o grande papel da escola nesse momento é preparar esse cidadão para que ele seja um ser socialmente ativo, desenvolvendo com nitidez suas competências cognitivas e sociais de maneira que a aprendizagem aconteça em interface com a realidade que se faz presente.

Sabemos então, que para que essa aprendizagem se faça presente, deve-se ter integrados todos os componentes do ensino-aprendizagem: aluno, professor, conteúdo, métodos, recursos e avaliação.

Não há espaço para falhas dentro desses componentes. Todos devem estar ligados, conectados para que haja uma formação lógica, prática e contextualizada dentro da capacidade cognitiva de cada indivíduo. Quando todos esses componentes estão interligados, é fácil perceber quem se quer formar, o que se quer que o aluno

aprenda e qual a finalidade do aprender. Por isso, é tão importante que ao avaliar se possa enxergar no aluno a revelação de quantas possibilidades de construção do aprender ele conseguiu assimilar para que seu processo educativo seja mais rico e dinâmico.

Dentro dessa perspectiva, pode-se então deduzir que a interação professor-aluno exige cumplicidade e que esta só irá ocorrer quando existir uma relação de confiança e comunicação, tornando o processo ensino-aprendizagem um instrumento de satisfação da interiorização do saber.

O advento das novas tecnologias da informação e da comunicação¹ proporciona o repensar do processo ensino-aprendizagem e disso não há dúvidas. O ensino então requer na sala de aula o domínio pelo professor do conhecimento, seja em uma determinada disciplina ou mesmo um conteúdo específico que vai ensinar, pois todos os atores envolvidos na educação têm infinitas oportunidades de acesso às informações que circulam em todas as partes do mundo em tempo real e por rede informatizada de comunicações.

Assim ressalta Borba e Penteado (2003. p.69) É importante que a opção por utilizar ou não a tecnologia seja feita pelo

¹ Segundo alguns especialistas o que chamamos de tecnologias de comunicação e informação surge, a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a

veiculação sob um mesmo suporte – o computador – de diversas formatações de mensagens (SETTON, 2010 .p. 89).

professor com base em seu próprio conhecimento.

O mundo está passando pela revolução das tecnologias e dos sistemas de informações tanto no mundo do trabalho como no mundo educacional. Esses sistemas de informações cada dia mais enriquecem a capacidade de raciocinar e de gerar conhecimento, possibilitando uma reflexão crítica e mais elaborada da realidade. Os adolescentes não estão aquém desses sistemas de informações pelo contrário, eles estão transformando o cotidiano a partir das vivências universais.

De acordo com Setton citando Lévy (2010.p.91):

É impossível separar o mundo humano de seu ambiente material, assim como é difícil separá-lo dos signos e imagens por meio dos quais o indivíduo atribui sentido a vida e ao mundo...

As novas tecnologias não só estão presentes em todas as atividades práticas do mundo do trabalho, como também se tornam vetores de experiências do cotidiano.

A evolução dos meios de comunicação leva necessariamente a mudança no processo ensino-aprendizagem. Não dá para querer ser um bom professor utilizando apenas o quadro e o giz ou ditando um texto de uma apostila, pois esses hábitos não acompanham a dinâmica da renovação do conhecimento

pelo qual as pessoas estão passando. Todos os níveis da educação estão vivenciando este quadro de mudanças, que perdura desde as crianças até os adultos que almejam serem sujeitos ativos de aprendizagem. Assim, é tarefa do professor que deseja ter sucesso dentro de sua sala de aula, exercer o importante papel de facilitador interagindo de maneira dinâmica e atualizada no processo de ensino-aprendizagem.

As novas tecnologias têm feito várias transformações por onde passa, inclusive na escola, que por tanto tempo viveu uma forma de ensino tradicional. Hoje pode-se dizer que se tem uma escola aberta, que rompe com todas as barreiras e abre-se para o enriquecimento do processo de interação que acontece entre professor-aluno-família e demais agentes sociais que interagem dentro da instituição escolar, modificando assim, a dinâmica de aprendizagem e ampliando o espaço de geração do conhecimento. Para D'Ambrósio (1999), "Educação é ação". É isto que requer todos os jovens que desafiam a sala de aula e que querem fazer a diferença.

A diferença está no fazer de cada pessoa, resultante de suas marcas singulares e de sua formação enquanto indivíduo que constrói suas crenças e valores e que são compartilhados na sua dimensão cultural enquanto coletividade.

2. ESCRITA DIGITAL: PODEMOS CHAMÁ-LA DE NOVA ESCRITA?

Os jovens atualmente vivem a nova escrita digital. São muitas as opções que se tem hoje para aqueles que pretendem se comunicar on-line. Existem várias redes sociais como o Orkut, facebook, bate papos, troca de mensagens por MSN, torpedos por exemplo, etc. Sem dúvidas, todas essas ferramentas fazem parte da vida dos jovens que principalmente estão em idade escolar. A comunicação entre esses jovens fazendo uso dessas ferramentas se dão em tempo real e de modo escrito, porém essa comunicação (escrita) não acontece de acordo com as regras gramaticais preconizadas pela gramática normativa, forma de escrita tradicional na nossa língua.

Nessa escrita há uma comunicação mais pessoal, mais próxima da conversação face a face e por isso essa (escrita) traz algo tão próximo da fala, mas há algo que não se pode negar, a linguagem pela internet ou via celular como os torpedos continuam escritos.

Assim, percebeu-se que havia nessa comunicação interativa, certo distanciamento entre as práticas de escrita que usualmente se ensina na escola e que emergiu com os famosos bate papos da

internet. Assim criou-se um termo para designar essa escrita: chamaram-na de internetês².

Não se sabe o porquê, mas com a popularização da internet e bate papos, os jovens no sentido de facilitar o processo de digitação passaram a modificar a escrita e manter uma interação próximo da conversação face a face. As abreviaturas viraram febre. Nessa linguagem a abreviatura mais abrangente e produtiva nos bate papos e derivados é a omissão das vogais nas sílabas em detrimento de elementos consonantais. Logo a palavra *beleza* se transforma em *blz*, *você* em *vc*, *teclar* em *tc*, *muito* em *mtu*, *vamos* em *vm e* assim em muitas outras palavras. Essas abreviaturas mais que o simples abreviar das palavras buscam certa intimidade entre os interlocutores, que embora sejam desconhecidos não se acham estranhos. Fisicamente eles encontram-se separados, mas por meio das abreviações a distância é reduzida e a tentativa de aproximação é superada por meio da linguagem.

Há quem diga que o povo digita muito errado. O critério de certo e de errado é frequente e principalmente atribuído à escrita da internet. Provavelmente esse atributo leva em consideração a escrita

² Escrita tida como caótica e assistemática em termos de linguagem. Nessa escrita, é comum que sejam identificadas características ortográficas, lexicais, sintáticas e textuais bastante distintas daquelas que

um texto científico apresenta. Abreviaturas abundantes, excesso e/ ou falta de pontuação, simplificações de grafia, uso de carinhas (emotions) são algumas das especificidades dessa escrita.

escolar, que é a linguagem que sempre foi ensinada nas escolas desde a mais tenra idade. O fato é que por mais que se critiquem, os jovens continuarão fazendo uso do internetês. O que se percebe é que cada prática de escrita apresenta especificidades que trazem suas características e singularidades que a identificam como tal.

Difícilmente os jovens enveredados no ambiente virtual irão escrever de acordo como manda a gramática, pois o ambiente virtual detém forte influência nas simplificações ortográficas, sem contar que a internet e os torpedos via celular constituem um ambiente livre e essa escrita expressa bem essa liberdade.

Sabe-se que a escola cabe o papel de ensinar a gramática normativa ou padrão, porém ela não pode simplesmente ignorar a maneira de como esses jovens escrevem no dia a dia. A ela cabe nesse contexto, compreender como se dá a materialização dessa escrita e principalmente utilizá-la a favor do ensino de língua. No entanto, o jovem precisa ter em mente que esse linguajar midiático deve ser deixado de lado quando se trata da escrita escolar. Não é que ele não possa utilizar, em ambientes virtuais torna-se pertinente, em vestibulares, por exemplo, o padrão da escrita certamente será exigido.

Não se pode mais pensar como errada a linguagem utilizada pelos

internautas. Errado é pensar a língua independentemente dos propósitos de quem fala e de quem escreve, como se fosse possível simplesmente separar jovem e sociedade simultaneamente. O internetês não é uma linguagem do outro mundo, ela se propaga como uma prática de escrita e uma tentativa de aproximação entre dois ou mais interlocutores, dentro de um mesmo mundo, cujas fronteiras estão cada vez mais reduzidas.

O professor não pode ignorar o internetês e sim utilizá-lo a favor de sua prática pedagógica mostrando ao aprendiz que essa linguagem existe e que pertence a um determinado contexto - a internet – porém não pode ser utilizada em uma redação para o vestibular ou de um concurso, por exemplo. Essa linguagem ainda se permite ser utilizada pelo docente que de posse do conhecimento da mesma pode se utilizar de várias estratégias inclusive anteriormente citadas, que venham a enriquecer seus métodos de ensino e conseqüentemente de estudo em sala de aula para o discente.

É bem verdade que o internetês possa aparecer nas redações escolares, porém, a questão primordial para que a entrada das novas mídias prevaleça de forma satisfatória na escola está relacionada com a postura do professor.

Já há sinais evidentes, tanto na educação básica quanto na própria educação em nível universitário, que, se o professor não tiver espaço para refletir sobre as mudanças que acarretam a presença da informática nos coletivos pensantes, eles tenderão a não utilizar essas mídias, ou a utilizá-las de maneira superficial, domesticando, portanto, essa nova mídia. Para que o professor, em todos os níveis, aprenda a conviver com as incertezas trazidas por uma mídia que tem características quantitativas e qualitativas novas em relação a memória, um amplo trabalho de reflexão coletiva tem que ser desenvolvido. (BORBA e PENTEADO, 2003. p. 89.)

Em suma, é fato que essa nova geração e uso das mídias implicam a reflexão de muitas questões referentes ao universo escolar e estas devem ser repensadas, discutidas e analisadas para que professor e aluno consigam viver a era tecnológica, tendo como subsídio os recursos midiáticos firmando na sala de aula um ensino-aprendizagem de qualidade.

CONCLUSÃO

A revolução tecnológica chegou e tem feito mudanças no mundo interior do ser humano. O docente, por exemplo, está tendo dificuldades para se relacionar com o mundo social e com os avanços midiáticos tão presentes nas salas de aula.

Os professores acabam achando-se inativos mediante seu lado profissional, por sentirem-se despreparados para lidar com as tecnologias tão vigentes do dia a dia. As atividades escolares pedem mudanças de paradigmas e o professor já não responde às necessidades dos estudantes como deveria, pois seu espaço íntimo está enraizado de pensamentos negativos: do não posso, não sei, não vou saber, dentre outros.

Logo, o ensino requer o contato com a tecnologia para que os conteúdos sejam aprendidos com maior facilidade pelos alunos. Porém, se os professores não se sentirem capacitados, para lidar com os recursos que as TIC,s proporcionam, o ensino será em vão, pois os alunos não percorrem sozinho para o aprendizado, é necessário um mediador para que a aprendizagem aconteça, pois a tecnologia por si só não dá conta do processo ensino-aprendizagem.

Por fim, é importante ressaltar que os professores precisam enveredar no mundo tecnológico, pois trabalho e ensino hoje, são partes inseparáveis da sociedade contemporânea e da sociedade da informação.

REFERÊNCIAS

BORBA, Marcelo de
Carvalho/PENTEADO, Miriam de Godoy.

Informática e educação matemática. 3ª

Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HOBBSAWM, E. (1996). **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras.

SETTON, Maria da Graça: **Mídia e Educação**. 1ª Ed.Contexto,2010.